

17J03234-2

MORRO DO
MACACO

UMA TRAGÉDIA JAMAIS

Cyro Denaday

Cyro Denaday



A erosão no Morro do Macaco pode provocar um novo deslizamento e causar mortes

Um novo deslizamento no Morro do Macaco pode atingir várias famílias que ainda moram em barracos sem a mínima segurança

Elimar Cortes

Madrugada do dia 15 de janeiro de 1985. Noite de chuva em Vitória. De repente ouvi-se um estrondo e falta luz em vários bairros da capital. Assustados, os moradores do Morro do Macaco, em Tabuazeiro, começam a gritar. Eram 30 minutos de uma terça-feira e o sofrimento de centenas de pessoas estava por começar: mais de 50 mortos com o deslizamento de 500 toneladas de pedras e terra sobre uma área de 400 metros quadrados. São cerca de mil pessoas desabrigadas.

Dia de sol em 6 de fevereiro de 1991, numa quarta-feira. No mesmo local de uma das piores tragédias do Espírito Santo surgiram vários barracos, apesar da suposta decretação da "zona de perigo" por parte da Prefeitura de Vitória. O risco de um novo desmoramento é uma realidade. O medo de outra tragédia é o principal vizinho de quem mora sobre a terra onde cerca de 20 pessoas ainda estão soterradas, depois de seis anos.

Enquanto a tragédia do dia 15 de janeiro de 1985 assustava os capixabas, horas depois daquela madrugada chuvosa um outro importante acontecimento histórico iria transformar a vida do Brasil: Tancredo Neves derrotou no Colégio Eleitoral, em Brasília, seu adversário Paulo Maluf, e assim se tornou o primeiro presidente civil do Brasil depois de 21 anos. Foi, também, o último — Tancredo, porém, não chegou a tomar posse, pois morreu e em seu lugar assumiu o vice José Sarney — presidente eleito sem o voto do povo.

LAVADEIRAS

Seis anos depois, os capixabas podem se preparar para o pior, porque uma



João Nascimento prevê uma nova tragédia

nova tragédia poderá ocorrer no Morro do Macaco. A previsão é do agora aposentado coronel da Polícia Militar, João Nascimento dos Reis, que na época comandou as operações do Corpo de Bombeiros em Tabuazeiro:

"De seis ou de oito em oito anos há uma densidade muito grande de chuvas em algumas regiões do País. São camadas fortes de nuvens que caem arrasando tudo", alerta João Nascimento, 53 anos de idade, dos quais 32 de experiência na polícia e 22 anos de Corpo de Bombeiros.

E o risco de desmoronamento de pedras que poderá matar mais gente é explicado. As pessoas, quando ocupam um morro, provocam desmatamento, cavam a terra para fazer os alicerces das casas e desagregam a terra, que perde sua liga, jogando água com produtos químicos — detergentes e sabão em pedra e em pó para lavar roupas — sobre a terra.

"A terra fica frágil com a erosão, e mesmo que o local atingido pela água contaminada fique longe das pedras que podem rolar, quando uma pedra desce a tragédia é maior", previne Nascimento dos Reis.

E o pior: a maioria das mulheres que moram na zona de risco, lava roupa para os moradores da parte baixa de Tabuazeiro, o que aumenta o risco de deslizamento.

Prefeitura desconhece perigo

Somente às 12 horas de quarta-feira é que o secretário municipal de Obras da Prefeitura de Vitória, Sílvio Ramos, soube da existência de novas famílias morando em área de risco no Morro do Macaco, em Tabuazeiro. Depois de relutar em acreditar na denúncia de A Tribuna, ele marcou para o dia seguinte a ida dos fiscais da Semob ao morro.

Os fiscais, displicentemente, fizeram um relatório para o secretário afirmando que, apenas cinco barracos estavam em uma área que corre risco de deslizamento. Desses cinco, só quatro estavam ocupados por famílias.

VISTORIA

Na mesma quinta-feira à tarde, porém, o chefe da divisão de Fiscalização da Semob, Josias Duarte, garantiu que na sexta-feira voltaria ao Morro do Macaco para uma "vistoria mais rígida".

Para o seu desespero, ele

constatou que mais de 50 barracos poderão ser novamente atingidos por pedras caso a tragédia de janeiro de 1985, que matou cerca de 50 pessoas e deixou mil desabrigadas, ocorra novamente no Morro do Macaco. "Os moradores devem deixar o morro", decretou Josias Duarte.

Por volta das 11 horas, entretanto, depois de uma pesquisa no Departamento de Expediente da Secretaria Municipal de Administração, Josias Duarte se decepcionou: a PMV não tem como retirar as famílias do Morro do Macaco agora porque não existe nenhum decreto municipal considerando a região como área de risco.

"Até hoje não foi feita nenhuma interdição, no morro. Por isso, não poderemos retirar as famílias de lá", frustrou-se Josias Duarte.

Diante do desespero dele, os funcionários da Secretaria de Administração prometeram continuar procurando nos ar-

quivos algum decreto de interdição no Morro do Macaco. Eles, porém, acharam somente atos assinados pelo então prefeito Berredo de Menezes, decretando estado de emergência e estado de calamidade pública na capital.

Vários estudos sobre o risco de novos deslizamentos de pedras foram feitos em 1985. Em junho daquele ano, a empresa Consultoria de Solos e Fundações Ltda., concluiu para Berredo de Menezes que novas rochas poderiam rolar. Foi feito, então, o escoramento das pedras. Interdição do morro, no entanto, se foi feita, o decreto desapareceu na PMV.

Ontem, Josias Duarte sugeriu ao secretário de Obras, Sílvio Ramos, a formação de uma comissão para tornar a vistoria do Morro do Macaco. "A partir dessa vistoria, detectaremos as áreas que correm perigo de deslizamento e o prefeito Vítor Buaziz poderá decretar interdição", avisa Josias Duarte.

Vigilância na área é falha

Toda a cidade sabia da nova ocupação nas zonas de risco do Morro do Macaco, em Tabuazeiro, menos a Prefeitura de Vitória. O chefe de Fiscalização da Secretaria Municipal de Obras, Josias Duarte, reconhece que a vigilância da PMV nunca foi constante na região, o que o impossibilitava de tomar conhecimento da ocupação ilegal.

No entanto, acrescentou que às vezes os próprios moradores de Tabuazeiro denunciavam a existência de novos barracos no morro. De acordo com os atuais moradores da zona de perigo, a PMV, mesmo depois da tragédia de janeiro de 1985, nunca os procurou para informar que novos deslizamentos poderiam ocorrer no Morro do Macaco.

Alguns órgãos públicos, no entanto, sabem que a região de perigo é habitada. Tanto que nos barracos ocupados ilegalmente há água encanada da Cesan e energia elétrica clandestina, puxada dos postes da Escelsa espalhados pelo morro.

Embora somente agora saiba da ocupação do morro, o secretário municipal de Obras, Sílvio Ramos, admite que há riscos de novos deslizamen-

tos no Morro do Macaco. No entanto, garante que o escoramento das pedras foi bem feito.

"O escoramento está em condição estável, mas é possível uma grande chuva vir a causar deslizamento. Mas por enquanto se tirou a condição de risco das rochas", afirma Sílvio Ramos.

Há, contudo, aqueles que culpam não só a PMV como também disparam críticas ao governo do Estado e aos próprios moradores. É o caso do coronel aposentado da Polícia Militar, João Nascimento dos Reis, que na época comandou as operações do Corpo de Bombeiros no Morro do Macaco, para quem as pessoas ocupam área de perigos nos morros de Vitória, mesmo sabendo dos problemas, com o intuito de depois obter uma casa de graça do governo.

"Depois da tragédia de 1985, sempre voltei ao morro e de uns tempos para cá verifiquei que na região há mais de 80 barracos que seriam destruídos com novo deslizamento de pedras e terras. A culpa é da autoridades municipais e estaduais, que não evitam as invasões aos morros de Vitória", protestou Nascimento dos Reis.

AJ03134-2

VIVIDA NO ESTADO

Cyro Denaday

Joana: "Tragédia foi muito ruim"

Há seis anos, dona Maria Joana Paula da Silva, de 37 anos, está morando no Bairro das Flores, na Serra, com seus filhos e marido. Ela perdeu sua casa na tragédia do Morro do Macaco, e mora em uma casa doada pela Prefeitura de Vitória. O barraco em que dona Maria Joana morava no Morro do Macaco foi destruído pelo deslizamento das pedras na madrugada do dia 15 de janeiro de 1985.

O terreno dela, no entanto, continua intacto e há um ano é ocupado por uma família mineira. Hoje, dona Lúcia Alves de Souza, 44, que veio com sua família de Conselheiro Pena, sabe dos riscos que corre morando num terreno localizado na zona de perigo considerado Corpo de Bombeiros, mas não tem medo de outra tragédia:

"Não tenho medo porque Deus não deixa acontecer nada", diz ela com humildade, para depois acrescentar uma outra realidade:

"Se alguém mandar a gente sair daqui, aonde vamos morar?"



Cyro Denaday

Maria Joana, sobrevivente da tragédia, mora agora no bairro das Flores

Nos dois temporais deste ano, dona Lúcia, seu marido e seus quatro filhos ficaram dentro do pequeno barraco rezando. Em dias de chuva, rezar não tem sido só a sina de dona Lúcia e sua família:

"Aqui em cima todo mundo vive em pânico. Minhas filhas, quando chove, ficam chorando e pedindo para a gente se mudar daqui", confessa a lavadeira

Vera Lúcia dos Santos da Silva, que mora em outra parte do Morro do Macaco que não corre risco de deslizamento, mas que depois da tragédia de 85 ficou três dias em estado de choque e em tratamento psicológico.

Maria Dionízia de Souza é outra que não corre risco, porém foi ela quem construiu para as próprias filhas um barraco na zona de perigo. "Meu terreno é pequeno

e não há espaço para fazer uma casa para minhas filhas casadas".

Grávida de oito meses, Eliene de Souza só pensa na tranquilidade do filho quando nascer. O medo, no entanto, é grande quando chove. "Vou para a casa da mãe", diz a filha de Dionízia, apontando para o valão que fica ao lado de seu barraco, provocado pelo deslizamento de pedras, onde se-

gundo estimativas ainda há 20 corpos soterrados.

A sina dos atuais moradores não está mais na lembrança de dona Maria Joana. "A tragédia foi muito ruim. Por isso não tenho nenhuma lembrança dela. Perdi um sobrinho e não quero mais voltar naquele morro, pois o importante é que estou segura aqui no Bairro das Flores". Já o destino de dona Lúcia Alves, "só Deus sabe, meu filho..."



Lúcia Alves não teme uma nova tragédia no morro

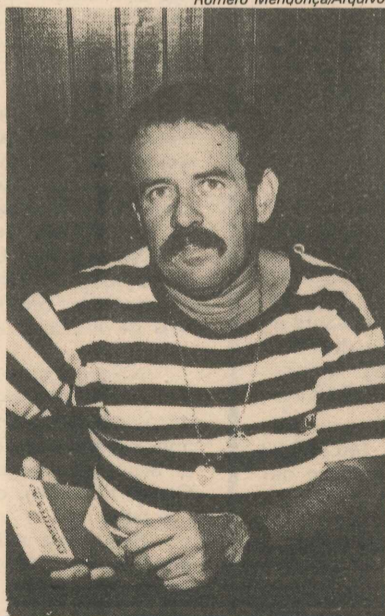
França: experiência mudou sua vida

A cena de um homem gordo, boa estatura, moreno, segurando uma menina de apenas dois anos ainda está na lembrança de muitos que acompanharam pessoalmente ou através da imprensa a tragédia do Morro do Macaco, no dia 15 de janeiro de 1985, quando mais de 50 pessoas morreram com o deslizamento de 500 toneladas de pedras e terra numa faixa de 400 metros quadrados em uma região montanhosa de Tabuazeiro.

Seis anos depois, aquele mesmo homem, mais maduro nos seus 40 anos, pai de três filhos e casado, ainda se arrepiava ao se lembrar da pequena Fabiane que gemeu de dores em seus braços e depois morreu.

Hoje, Francisco de Assis Gonçalves, o perito França, ainda trabalhando na Polícia Técnica-Científica do Estado, confessa que se tornou mais religioso depois que viu dezenas de pessoas morrendo sob os escombros dos barracos atingidos pelo deslizamento.

Mesmo agora, França se recorda das cenas do Morro do Macaco, onde ele chegou 30 minutos depois do início do deslizamento na madrugada chuvosa de 15 de janeiro de 1985:



Romero Mendonça/Arquivo

França se arrepiava ao lembrar tragédia

"Até hoje fecho os olhos e vejo a tragédia que nunca será esquecida de minha vida".

Ele vai aproveitar o Carnaval e ir ao Morro do Macaco conversar com os moradores que ocupam os locais considerados áreas de risco.

"Quero fazer um apelo em cada residência para que as pessoas procurem um outro lugar para morar", avisa França.

Ele revela que a sua preocupação e a dos soldados do Corpo de Bombeiros era a de salvar primeiro as crianças e os mais idosos. "Tinha muita gente gemendo de dor debaixo das casas. Na madrugada, ainda com chuva e com tudo escuro — faltara luz na noite da tragédia —, a gente não sabia se pisava nos corpos, nas madeiras ou nas fiações elétricas derrubadas pelas pedras".

França, depois da tragédia, teve seu nome e foto estampados nos principais jornais e revistas do mundo — a foto em que ele segura Fabiane foi capa do "New York Times". Porém, o perito não se orgulha dessa promoção, principalmente porque a Polícia Civil jamais o elogiou pelo serviço prestado à comunidade:

"O único reconhecimento que queria era ter viva a Fabiane, porque eu iria adotá-la já que seus pais também morreram. Como não consegui salvá-la, só me resta lamentar e ficar arrepiado quando me recordo dela morrendo em meu colo".

Relação de dos mortos identificados no DML

- Gizeli Santório Vieira,
- Cristiano Santório Vieira
- Cristiana Santório Vieira
- Geraldo Vieira
- Alcemir Fortunato
- Maria Alice dos Santos
- Rosa Fortunato
- Maria Auxiliadora Vieira Salles
- Jean Carla Viana Salles
- Vanessa Viana Salles
- Nicson Viana Soares
- Arlindo Costa
- Fernando Tonon
- Ely Maria Pires Santos
- Eletina da Silva Gouveia, seu marido José de Oliveira e seus filhos Lino, Lídia e Leandro
- Elizabeth de Oliveira, seu marido Jair
- Maria Lúcia Viana Frederico e seu filho Jeremias Viana Frederico

O restante dos mortos não foram identificados e nem reclamados judicialmente pelas famílias e muitos deles estão soterrados no Morro do Macaco.

Fonte: Pesquisa A Tribuna

CHEGARAM OS SERVIÇOS QUE LHE FALTAVAM, TEMOS:

- Diarista (faxineira, lavadeira e passadeira)
- Lavagem de carpete e tapete
- Dedetização, desratização e descupinização (06 meses de garantia)
- Limpeza e conservação de condomínio
- Serviços de jardinagem e capinas de quintal



DISK ÚTIL
FONE: 234-1544